

XV ENCONTRO DO FORO DE SÃO PAULO

20 a 23 de agosto de 2009

Cidade do México

Declaração final

O XV Encontro do Foro de São Paulo teve lugar de 20 a 23 de agosto de 2009, na Cidade do México, com a participação de 520 delegadas e delegados de 32 países da América Latina e do Caribe, e de 38 convidadas e convidados, representando 63 partidos e organizações políticas, forças populares, progressistas e de esquerda. O tema principal do Encontro foi “As alternativas da esquerda latino-americana diante da crise capitalista”.

Tendo o Partido do Trabalho do México e o Partido da Revolução Democrática como anfitriões, os delegados do XV Encontro aprovaram a seguinte declaração:

Primeiro. O Foro de São Paulo, há quase vinte anos da sua fundação, mantém a sua identidade anti-imperialista e anti-neoliberal. Nos encontros prévios que tiveram lugar, fez-se uma reflexão permanente sobre os problemas e a crise do capitalismo, propondo diversas ideias para construir alternativas democráticas e populares. Se o FSP nasceu num momento em que o neoliberalismo parecia se impor sem resistências, hoje, iniciando a comemoração do Bicentenário dos numerosos processos independentistas latino-americanos e caribenhos, podemos afirmar que o FSP, ao longo desses anos, manteve uma luta constante contra essas políticas, que demonstraram sua falência histórica e seu fracasso, e, ao mesmo tempo, a batalha para tornar realidade os sonhos e as causas dos Libertadores.

Segundo. A profunda crise capitalista que se desatou no ano passado, com epicentro nos Estados Unidos, teve impacto em todos os países do mundo e se vislumbra como sendo de longa duração.

Somam-se a ela outras crises sofridas pelo mundo: a ambiental, a energética e a alimentar, todas as quais agravam as crises sociais e políticas em diversas regiões do mundo. Cabe acrescentar que na América Latina e no Caribe se vive uma séria crise de segurança pública.

Em conclusão, estamos diante de uma crise sistêmica, que não só põe em questão o modelo neoliberal imperante, mas também o modo capitalista de produção. Ratificamos aquilo que anunciamos no Encontro de Montevideu no ano passado: “não estamos apenas diante de uma época de mudança, mas sim de uma mudança de época”.

Terceiro. A crise mundial, em todos os seus níveis e faces, tornou mais distante o objetivo das Nações Unidas, enunciado nas Metas do Milênio, de reduzir a pobreza e a fome no mundo. O que estamos vendo, e será agravado nos próximos meses, é o desemprego e uma queda na qualidade de vida de centenas de milhões de pessoas. Cabe ressaltar a situação da mulher, sobre quem recairá a carga mais pesada.

Não obstante, a crise é também uma oportunidade de mudança no mundo unipolar, já que se acentuou o processo de constituição de blocos econômicos nas diferentes regiões do mundo. Podemos advertir um declínio do poder hegemônico dos Estados Unidos, embora este país continue representando a maior economia do mundo, conservando o maior poder militar e mantendo o controle dos principais meios de comunicação.

Quarto. A crise e o fracasso do neoliberalismo foram advertidos por diferentes setores da esquerda. O FSP foi especialmente claro em assinalar os perigos entranhados pelo monetarismo, o Estado mínimo, a desregulação, a flexibilização, a abertura comercial e financeira e o Consenso de Washington.

No entanto, a crise atual não é apenas financeira e não é possível explicá-la apenas pela falta de controle propiciada pelo neoliberalismo e pelo esgotamento das instituições surgidas de Bretton Woods. Estamos diante de uma crise mais profunda do que a de 1929, e que será de longa duração. Isso se deve a que ela ocorre numa etapa de máxima expansão e hegemonia do modo de produção capitalista.

Quinto. O desenlace da crise abre um amplo leque de opções para o futuro e será o resultado combinado de dois movimentos: a luta de classes em cada país e os conflitos entre os diferentes Estados e blocos regionais. É provável que dessa inter-relação surjam diversos modelos econômicos e políticos: uns serão conservadores, outros progressistas e outros a caminho do socialismo.

Sexto. O XV Encontro do Foro de São Paulo saúda o 50o Aniversário da Revolução Cubana e reconhece o exemplo da Revolução Cubana que, com sua heróica resistência, contribuiu de maneira fundamental para a nova época de guinada para a esquerda do nosso continente.

Ratificamos mais uma vez o nosso rechaço ao bloqueio do imperialismo norte-americano e reafirmamos a nossa demanda de libertação dos cinco lutadores antiterroristas cubanos injustamente encarcerados em prisões dos Estados Unidos.

Sétimo. Boa parte dos países da América Latina e do Caribe vive, há mais de uma década, um processo de mudanças, desenvolvendo uma crescente luta pela sua soberania e pelos direitos e bem-estar dos seus povos. Os efeitos da crise terão um impacto e podem trazer retrocessos naquilo em que se avançou em matéria de crescimento econômico, emprego e diminuição da pobreza. Fará ainda mais evidentes os limites e problemas das economias primário-exportadoras e controladas por poderosos oligopólios, alheias a modelos de desenvolvimento a serviço dos povos, do seu bem-estar, progresso e liberdade.

Entretanto, é preciso assinalar que a crise não afetará todos os países por igual. Os países primário-exportadores e os altamente dependentes dos Estados Unidos, como o México, terão uma queda mais forte no seu crescimento econômico e a crise será mais prolongada. No caso dos países governados pela esquerda, haverá maiores possibilidades de superar os problemas, especialmente se eles fizerem esforços para fortalecer as economias internas e a integração regional. Cabe dizer, porém, que embora a margem de manobra desses governos pode se ver reduzida, a crise pode levar a um aprofundamento das mudanças.

Oitavo. A direita latino-americana definiu diversas estratégias para deter o avanço da esquerda e para sabotar os seus governos, partidos e movimentos. De um lado, está dando um renovado brio ao militarismo e à militarização do protesto social, com traços anticomunistas e racistas. Do outro, a direita se apoia no controle dos principais meios de comunicação para desprestigiar os partidos políticos e fortalecer os poderes fácticos. Vale notar que um dos traços do processo de mudanças, especialmente na região andina, tem sido a luta pela incorporação na vida política, econômica e social dos povos originários, indígenas e das maiorias excluídas mediante vigorosos movimentos sociais.

Denunciamos a estratégia da direita de utilizar como pretexto a luta contra o crime organizado para promover políticas de segurança que militarizam as sociedades, reduzem o espaço de ação política para a esquerda, criminalizam a luta social e promovem o temor entre a população, favorecendo ações cada vez mais repressivas. Este é o caso, particularmente, do que acontece no México e na Colômbia, como também no Peru e em Honduras.

O Foro de São Paulo avaliará permanentemente as estratégias da direita para evitar que elas prosperem e continuará trabalhando para ampliar a força da esquerda.

Nono. O XV Encontro teve a oportunidade de analisar a situação geral da América Latina e do Caribe e focou na reação da direita e do imperialismo diante da crise, através da militarização crescente no nosso continente, a reativação da IV Frota norte-americana, a criminalização da política e do protesto social e a pretensão de impor Convênios ou Tratados de Livre Comércio que garantam os seus interesses e o controle sobre mercados e recursos naturais. Igualmente, analisou em maior profundidade três casos específicos: Honduras, Porto Rico e Colômbia. Denunciamos que o golpe de Estado em Honduras é uma intentona da direita para utilizar os métodos mais brutais e assim deter o avanço das forças progressistas e de esquerda. O XV Encontro assumiu o compromisso de continuar apoiando a luta do povo hondurenho e de exigir a libertação imediata de todos os presos políticos, o fim da repressão, a restituição imediata e incondicional do presidente Zelaya no seu cargo, assim como da ordem constitucional e das liberdades políticas. O XV Encontro se comprometeu a promover a unidade de todas as forças progressistas e de esquerda em Honduras, apoiar a resistência popular e a opção que a esquerda apoiar nas próximas eleições.

Décimo. O colonialismo continua existindo, tanto no nível político quanto no cultural, e isso é inaceitável. O XV Encontro se compromete a fortalecer a luta pela plena independência de Porto Rico e a sua incorporação soberana à comunidade de nações latino-americanas e caribenhas. Exigimos a libertação dos presos políticos porto-riquenhos. Denunciamos ainda a persistência de povos americanos colonizados por países europeus: Aruba, Bonaire, Curaçao, Martinica, Guadalupe e Guiana, que têm direito à autodeterminação.

Décimo primeiro. O XV Encontro rechaça a reativação da IV Frota do Comando Sul dos Estados Unidos e condena energicamente o acordo entre o governo dos Estados Unidos e o governo da Colômbia que permite o uso de bases militares ao longo de todo o território nacional. Esse acordo atenta contra a soberania colombiana e constitui uma ameaça direta para Equador, Venezuela e Bolívia, afetando a estabilidade e a convivência pacífica de toda a região latino-americana e caribenha. Convocamos os povos, partidos e forças populares, progressistas e de esquerda do continente e de todo o mundo a se oporem à presença militar norte-americana e a se mobilizarem contra a militarização. Unimo-nos à convocatória de atividades contrárias às bases militares que foi impulsionada pelos partidos integrantes do FSP, em especial na Argentina, Venezuela e Colômbia. Denunciamos também o aval que os governos do México e Peru deram a esta medida, evidenciando sua subordinação aos interesses dos Estados Unidos.

Décimo segundo. A esquerda está presente em todo povo em luta e organizado, assim como em seus partidos, seus representantes parlamentares e seus governos municipais, estaduais e nacionais. Sua principal força reside na organização e mobilização popular, que continua se expressando em toda a América Latina de diversas formas, e nas que ressalta o papel dos povos indígenas e originários, como na Bolívia, e na importante luta iniciada pelos povos amazônicos do Peru.

A crise exige que os governos populares, progressistas e de esquerda radicalizem a sua opção a favor da ação do Estado, do investimento público, do mercado interno, da mudança do modelo econômico primário-exportador e sob controle das corporações transnacionais, devendo impulsionar a integração regional. Serão necessárias ações mais decididas para defender a economia popular, combater a pobreza e a desigualdade. Urge por em prática reformas profundas para mudar as estruturas econômicas e políticas imperantes, assim como breçar a deterioração ecológica.

Mais democracia, mais participação e mais organização social são as ferramentas da mudança. É preciso aprofundar a participação popular nas lutas sociais e o resgate da gestão do Estado. Também temos a responsabilidade de gerar e consolidar em cada um dos nossos países a unidade das forças políticas e sociais que procuram a mudança por progresso, justiça e democracia participativa.

Décimo terceiro. Os governos e as forças populares, progressistas e de esquerda da América Latina e do Caribe devem aprofundar a integração regional, assim como a criação de organismos supranacionais de gestão política, econômica, social, cultural e ecológica. Devemos avançar na construção de um bloco de nações que possa sair e negociar unitariamente o seu lugar no mundo. Para tanto, temos que fazer avançar de forma complementar os diferentes processos de integração, fortalecendo as ferramentas integradoras que já existem: UNASUL, MERCOSUL, CAN, ALBA, CARICOM, SICA etc., e assim alcançar nosso objetivo estratégico de uma verdadeira Integração Latino-americana e Caribenha.

Décimo quarto. É necessário que os partidos e governos populares, progressistas e de esquerda da América Latina e do Caribe participem no debate sobre a nova ordem mundial que surgirá depois da crise e que já é matéria de disputa. Trata-se de propor a criação de novas regras e de novas instituições mundiais que deem ao mundo, e em especial aos países em desenvolvimento, maior capacidade para financiar suas economias e regular o comércio, o investimento e os fluxos de capital.

Décimo quinto. O XV Encontro do Foro de São Paulo aprovou um plano de trabalho para o próximo ano que se propõe:

1- Acompanhar os governos progressistas e de esquerda, organizando um debate e intercâmbio permanente de informação entre os dirigentes dos partidos do FSP sobre a evolução da situação na América Latina e dos governos da região, criando para isso um Observatório de Governos de Esquerda e Progressistas.

2- Apoiar decididamente a esquerda hondurenha nos termos da resolução particular aprovada por este XV Encontro.

3- Contribuir a fortalecer os movimentos sociais, assim como a plena articulação destes com os povos indígenas e originários na América Latina e no Caribe.

4- Gestar e consolidar, em cada um dos nossos países, a unidade das forças políticas e sociais que querem a mudança pelo progresso, a justiça e a democracia participativa.

5- Fortalecer os partidos e movimentos sociais e políticos com mecanismos de efetiva democracia interna, formação de gerações para a renovação política e firmes

vínculos com os movimentos e dirigentes populares, desenvolvendo com estes um trato horizontal e integrador. Promover a unidade das forças políticas e sociais que buscam a mudança como base para a vitória, estimulando a luta de ideias contra o capitalismo e espaços de unidade de ação que favoreçam a unidade.

6- Apoiar os processos eleitorais de 2009 e 2010, com dois objetivos: não perder nenhum governo para a direita e ampliar os espaços da esquerda. Para isso, resolveu-se enviar observadores eleitorais.

7- Prestar especial atenção à situação do México, Colômbia e Peru, realizando ao longo de 2010 uma reunião do Grupo de Trabalho em cada um desses países, com o objetivo de debater as respectivas situações nacionais e o que pode o Foro de São Paulo fazer em termos de apoio efetivo.

8- Convocar um grande Encontro Continental dos Movimentos Sociais e Partidos Políticos populares, progressistas e de esquerda, integrantes do Foro e das organizações da sociedade civil, pela paz e contra a presença militar imperialista na região, especialmente a instalação das bases militares dos Estados Unidos na Colômbia e a IV Frota.

9- Celebrar um evento cimeira, de caráter continental, onde o tema central e único seja o problema do colonialismo em Nossa América.

10- Articular a ação do Foro de São Paulo com a luta dos imigrantes latino-americanos e caribenhos nos Estados Unidos.

11- Reformar a Secretaria Executiva do Foro de São Paulo, para que daqui em diante seja composta por uma Secretaria Executiva indicada pelo GT, e por três secretarias adjuntas indicadas pelas secretarias regionais (Cone Sul, Andino-amazônica, Mesoamericana e Caribenha), de acordo com a resolução específica.

Décimo sexto. Durante o XV Encontro, realizou-se pela primeira vez, de forma paralela, o Primeiro Encontro da Juventude do FSP. Consideramos que isso significa um avanço de grande importância para a esquerda latino-americana e reconhecemos o empenho, a visão e a capacidade política dos jovens do FSP para que este Primeiro Encontro pudesse se tornar realidade. Apoiamos as resoluções tomadas neste primeiro

encontro juvenil e consideramos que estas ações devem ser permanentes e prestar a elas maior atenção e todo o apoio necessário.

O XV Encontro faz suas as resoluções dos encontros de autoridades nacionais; parlamentares; escolas e fundações; movimentos sociais, povos originários e afrodescendentes; cultura; e mulheres. O Grupo de Trabalho fará o que for necessário para promover e levar à prática as resoluções adotadas.

Décimo sétimo. O XV Encontro do Foro de São Paulo prestou homenagem ao companheiro Armando Chavarría, dirigente histórico do PRD mexicano, covardemente assassinado no dia da inauguração do Foro. De igual maneira, fez um sentido reconhecimento a Juan Bosch e Marco Benedetti, que simbolizam a coragem e a alma da luta por uma nova América.

Décimo oitavo. Convocamos ao XVI Encontro do Foro de São Paulo, que será levado a cabo em Buenos Aires, Argentina, em agosto de 2010, coincidindo com a celebração de nosso XX aniversário.

Décimo nono. Os delegados assistentes ao XV Encontro do FSP deixaram claro o seu reconhecimento pelo esforço realizado pelos partidos anfitriões, o PT e o PRD do México, para a realização deste importante e exitoso encontro da esquerda latino-americana.

Cidade do México-DF, 23 de agosto de 2009